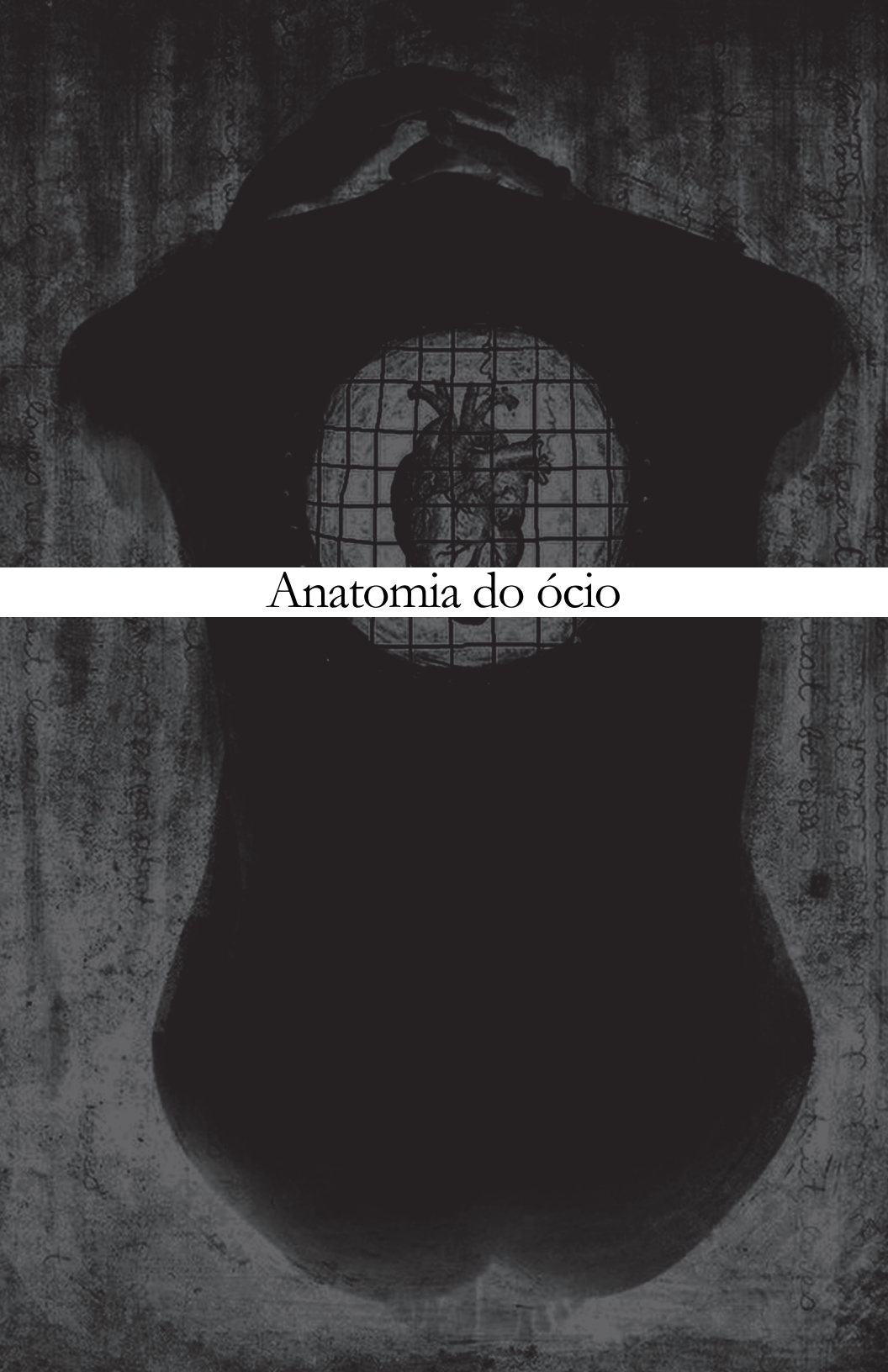


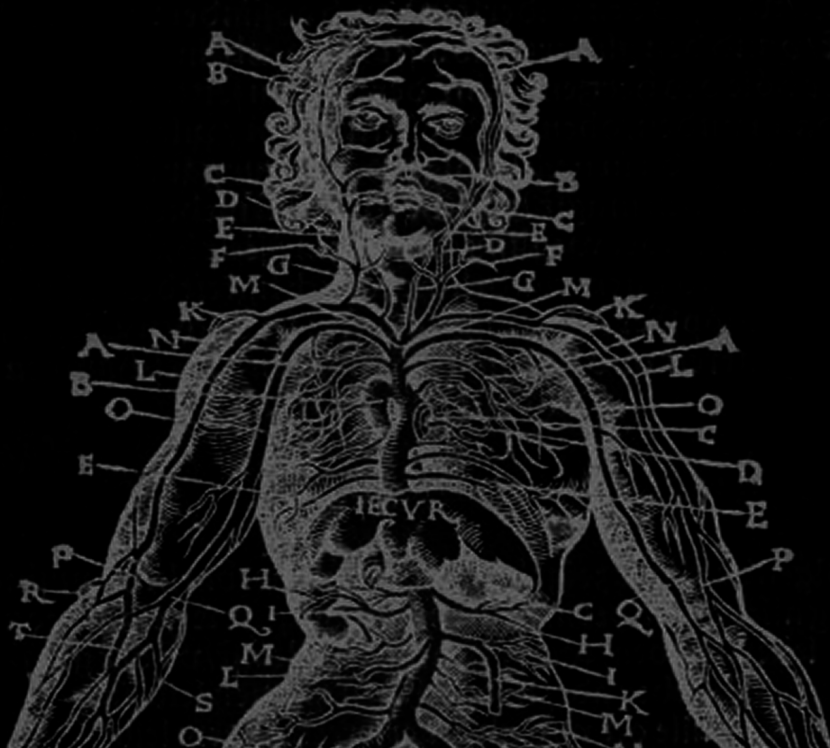
ANATOMIA DO ÓCIO

r. leontino filho

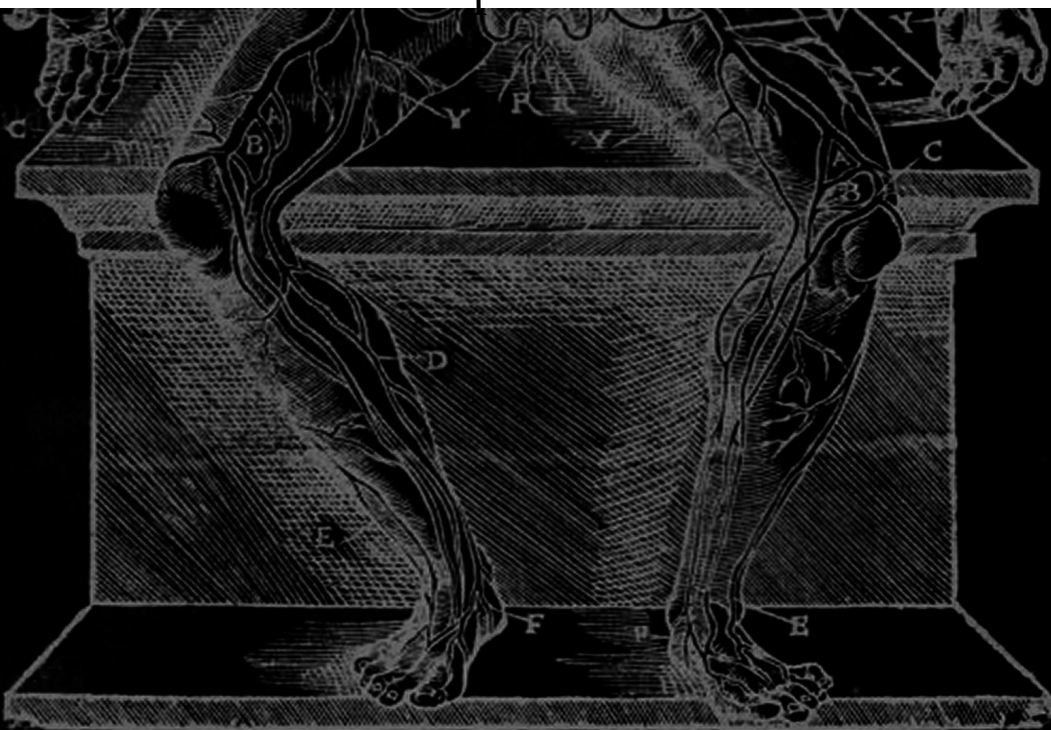




Anatomia do ócio



Colección Libros
Imposibles



R. Leontino Filho

ANATOMIA DO ÓCIO

COLECCIÓN LIBROS IMPOSIBLES

-2024-

Filho, R. Leontino. 1961 Anatomia do ócio / R. Leontino Filho
--1ª ed.-- Coedición | EntreTmas Revista Digital & Agulha Revista de Cultura, 2024.
148 p. 21 x 14 cm. <Colección Libros Imposibles ; 10 > <Digital>
1. Poesía brasileña 2. Literatura brasileña. I. Título.

Primera edición, 2024

Colección Libros Imposibles #10

Anatomia do ócio

© R. Leontino Filho

Design editorial:

Melvyn Aguilar

Capa & ensaio fotográfico :

Floriano Martins

Coordenação editorial:

Juana M. Ramos

Correção filológica:

O autor



*Palavras? Sim, de ar,
e no ar perdidas.
Deixa-me perder entre palavras,
deixa-me ser o ar nuns lábios,
um sopro vagabundo sem contornos
que o ar desvanece.*

Também a luz em si mesma se perde.

Octavio Paz

*Para Livia e Talita:
Amores de uma vida inteira.*

AUTÓPSIA DE UMA METÁFORA EXTRAVIADA

Parte expressiva da poética de R. Leontino Filho vem de sua espessura narrativa, o truque singularíssimo com que lida com as variantes de tempo e espaço no tear migratório de seus temas e imagens. Os títulos dados aos capítulos que compõem esta *Anatomia do ócio* são como uma constante escavação em um organismo de relatos. Deste modo a sua lírica, pois afinal o poeta é essencialmente lírico, contraria a ordem de sensações meramente delicadas de todos os assuntos que evoca.

Com um tratamento sutilmente lapidar Leontino Filho refina o idioma, a imagem e a perene metafísica de seus vislumbres da experiência humana. Como ele próprio alerta, em um de seus poemas, todas as suas táticas *se mostram*, embora *escondidas*. É um agrimensur audaz do empório das sofreguidões. Leitor atento dos manuscritos e garatujas, a começar pelos mais deliberadamente apócrifos, da alma humana. Um *fabricante de nuvens*, recordando o título de um fascinante relato de Giovanni Papini (1881-1956). A propósito, qualquer criador confessa a delícia que lhe invade o ser ante a descoberta de intensa afinidade estética com outro criador que até então desconhecia por completo.

Em uma de suas histórias mais saborosas, Papini narra os mistérios de um *pobre maníaco inocente*, que tinha por hábito distribuir nas mesas de desconhecidos em tavernas retratos e sentenças supostamente de sua autoria. Ao narrador deste relato, intitulado *O homem das sete vidas*, certa noite lhe entregou uma folha onde se lia: *Deus criou o Mundo do Nada. Reza para que não lhe dê a vontade de devolvê-lo ao Nada de que o tirou*. Em um época que prima pela nulificação das essências, eis o que faz Leontino Filho, como uma interferência feliz e natural: evita a *asfixia do fracasso*, mortifica a agonia dissidente, torna o mundo de tal modo habitável que é impossível fazê-lo retornar ao Nada.

Aqui me parece que manter a vida imperecedeira – em sua plena alegria de ser – é uma das mais altas funções da criação artística. Desdenhar nessa exigência natural a falta de apuro enigmático e a letargia desembrulhada por uma desfibrada inocência. Creio, como Leontino Filho, que *todo purgatório*

é ingênuo. Creio, ainda mais, que a seu lado também Céu e Inferno compõem aqueles três copos de madeira que, uma vez emborcados e habilmente manipulados, fazem com que percamos a noção de onde se encontra a estimável essência de nossa vida. E assim crendo não me parece que o poeta discorde de mim, pois ele mesmo sentencia em um de seus poemas: *em tudo que passa / interessa tão pouco / o que importa.* A rigor, uma contra sentença, pois em nada interessa ao poeta a escritura dogmática. Viver é uma carga explosiva, um naufrágio de trevas, uma cartografia de desastres.

E tão bem nos cabe agora um título exemplar de Aníbal Machado (1894-1964), seu *ABC das catástrofes*. A começar por este aforismo aparentemente cruel que possui parecença com a autópsia que Leontino realiza no ócio, no presente livro. Diz Machado: *Um pedaço de perna salvo de uma catástrofe não pertence a ninguém: é um pedaço de perna.* O mesmo se poderia dizer de uma fração, por mais atraente que seja, de ócio encontrado sob os escombros de nossa vida.

Ao lado de Giovanni Papini, Aníbal Machado é outro parente da poética de Leontino Filho que se mostra de modo escondido. Em qualquer um deles encontramos a pertinente lembrança de que *a dor suspira [...] com irônico sorriso.* A ausência de consciência da dor tem, há muitas décadas, contaminado a tradição lírica no Brasil com certa promiscuidade discursiva ampliada pelo mero balbucio formalista que quando muito mascara o privilégio de estar vivo e ter diante de si um arsenal de responsabilidades perante o que somos e o que pretendemos ser.

Despe-se aqui o poeta, por completo, de todos aqueles vícios e malefícios dessa tradição que, mesmo em proporção reduzida, ainda atinge o magma de sua própria geração – Leontino Filho nasceu no Ceará em 1961. Tanto os trocadilhos não lhe interessam quanto nada expressam a moral desossada clerical e as inscrições meramente revoltadas ou debilmente humorísticas. Mitos, migrações, sortilégios; truques de linguagem, rigor metafórico, verificação dos aspectos relativos da verdade e da mentira; tudo tem uma precisa razão de ser, sem que se registre o desgaste da percepção e da habilidade argumentativa do pensamento.

Recordei Giovanni Papini, Aníbal Machado e a mutação

desgovernada da lírica brasileira. Quero melhor esclarecer tais pontos e acrescentar outros. Começo por Aníbal pelo aspecto quando menos invulgar de que, sua obra sendo qualificada como narrativa, é uma das máximas referências brasileiras no que diz respeito à voltagem poética de seus escritos. Desde a modernidade, porém há exemplos intensos que lhe são anteriores, um novo truque se instalou na criação artística, o da ruptura dos gêneros. O avanço da tecnologia promoveu uma confusão entre expressão e recurso. Muita arte se beneficiou desse aspecto, não por oportunismo desvalorizado, mas sim por haver bem interpretado os códigos essenciais de cada gênero, em isolado, e descoberto infinitas variações na ousadia de suas mesclas.

Há exemplos fascinantes, que naturalmente vão além do fato bastante comum, em especial desde os primórdios do século XX, de nos depararmos com aquele tipo de criador que atua muito bem em duas ou três áreas. Nenhuma novidade se voltarmos no tempo à Renascença. O que me interessa mencionar são aquelas transfigurações ou felizes receituários alquímicos em que gêneros se mesclam e criam um ambiente imprevisível ou aqueles que se afirmando em uma forma expressam o que até então era comum em outra forma. Costuma-se dizer que René Magritte pintava como se fizesse colagens e que Max Ernst, ao contrário, fazia colagens como se pintasse ou desenhasse. Muitos diretores de cinema foram eficazes ao transmutar a linguagem dos gibis para a tridimensionalidade cinematográfica.

O ambiente narrativo na tradição brasileira possui certa singularidade poética que em muitos casos poderia ser entendida como poema se disposta em verso. Mas não se trata disto, que seria mero truque de parque de diversões. O que interessa é mencionar a essência poética da narrativa de um Guimarães Rosa, de uma Clarice Lispector, de um Antônio de Alcântara Machado, até um nome mais recente, Marco Lucchesi – embora este seja lido, pela cegueira bíblica da crítica literária, como um poeta de versos, em muitos casos desconsiderando a grandeza de sua prosa poética, território onde melhor cumpre seus desígnios de poeta.

Talvez um verso de Leontino Filho nos traga algum sentido

esclarecedor para essa rede de engodos: *Enquanto dura a extinta matéria / uma ponte de perguntas aguarda / a lasciva sílaba dos equinócios / – entredevoram-se os verbos póstumos*. Eis aí, de certo modo, a lacuna perversa: cedemos ao desvario famélico de nossos verbos póstumos. Ou simplesmente nos tornamos póstumos uns dos outros. Criamos assim o que nosso poeta estima como uma fratura nos mecanismos afetivos que definem a passagem do homem pela terra. Não à toa, um dos capítulos de seu livro se chama justamente *A saliência dos afetos*.

A grandeza imagética de *A saliência dos afetos* declara um parentesco – que somente neste capítulo não se mostra escondido – que o aproxima e distingue de certas afinidades já referidas. Eis a família afetiva do poeta: Foed Castro Chamma, Orides Fontela, R. Roldan-Roldan, Ascendino Leite, Helena Kolody, Oswaldo Lamartine de Faria, Yeda Prates Bernis, Sérgio Campos, Edson Guedes de Moraes e Anníbal Augusto Gama. Embora cada poema espelhe uma intimidade estética com seu escolhido interlocutor imaginário, em um deles estão sobriamente anotados *os pertences do homem / (tatos, venenos, desatinos)*. Pelas mãos de dois ou três afetos evocados, regressamos ao temporal da usura e das maquinações políticas e religiosas do antigo Império Romano, onde o *tecido trêmulo* da imortalidade não sabe mais o que inventar além de um mapa que não mais nos leva a lugar algum.

Uma síntese estarrecedora dessa família projetada neste capítulo a encontramos em um poema dedicado a Sérgio Campos: *toda memória é um pai-morto, perambulando / pela nossa lembrança*. Poucas vezes os bagaços hereditários foram expostos de modo tão dilacerantemente indesejável. O interlocutor – Sérgio Campos – foi uma voz quase isolada na lírica brasileira ao descortinar o helenismo que deixamos para trás possivelmente por temor de encarar nossos fantasmas.

Uma das razões porque no início de nossa conversa afirmo a presença de uma cobiçada viagem narrativa na poética de Leontino Filho tem a ver com a estrutura como montou seu livro. A princípio, o estudo anatômico do ócio, mas logo vamos percebendo que, como em velhos ritos religiosos, não chegamos até o ponto ideal de compreensão do que somos sem antes percorrer as mais selvagens metáforas da transmigração.

Não à toa, após delinear suas afinidades – não apenas estéticas, em muitos casos eu diria que até bem mais espirituais –, ele parte para a cerimônia, como é descrita na mitologia egípcia, da pesagem das almas, e o faz empenhado em descarnar a cegueira, a cobiça e outros espólios da fragilidade humana.

Tanto me parece certo o que digo que o capítulo a que me refiro se chama *O vexame dos pesos*. É talvez o fragmento mais duro do livro, onde estão situadas as deformidades da imaginação. Seus ofícios, crimes e destinos perversamente adiados. As rachaduras do abismo, a urna das renúncias, o *trágico sufoco da demência*.

Nenhum grande poeta necessita elogios. Em especial um poeta que permite aflorar, de seu íntimo, imagens com esta força simbólica: *pátina paralisada da loucura; pela porta um salto acorda o som; esta fome gêmea gemendo no papel...* Um poeta que chega e simplesmente declara que *tudo é vida*, é o mesmo que duplica a ousadia ao dizer que a lei é um atributo da libertinagem. Este poeta, ao avançar na armação narrativa de sua poética, não seria suficientemente astuto caso fosse tratar de outro assunto que não *A fruição dos sigilos*, título do quarto capítulo de *Anatomia do ócio*. Trata aqui o poeta de averiguar a intenção por trás dos salmos, das profecias, das frustrações expelidas à beira do fogo, das penumbras dissonantes, e o faz com sua relevante clareza: *minha alma vai / sem pressa / ao encontro / da perdição*.

Aqui está recordada aquela viagem ensolarada determinada ao mergulho em si mesmo, como a que realizou Marco Lucchesi (1963) em seu livro iluminador, *Os olhos do deserto*. Tanto em um poeta quanto no outro a percepção de que a vida de cada um de nós não é senão o *prefácio da Ressurreição* (Lucchesi). Para tanto, *A morte nos olhos* é tão indispensável quanto *A fruição dos sigilos* – capítulos respectivos dos livros de Lucchesi e Leontino Filho. Como assevera este último: *o que existe das coisas / é o percurso*. Sabem ambos que o tempo tanto *dói por dentro* quanto *esconde a bênção seminal*. O Santo Graal é ínfimo ante sua busca. O esplendor é um jardim que desconhece a magia das sementes. Nada mais transitório do que a perpetuidade. Se seguissemos viagem agora com os dois poetas, decerto iríamos pela mesma trilha defendida por

ambos e que Leontino Filho batizou de *A meninez das palavras*, capítulo final de seu livro.

Não à toa deixei por último a menção que fiz a Antônio de Alcântara Machado (1901-1935), quando este deduz, em seu intrigante *Pathê-Baby* que irremediavelmente o passado sempre acaba ficando para trás. O imensurável volume de frustração no homem – ou seja, em cada um de nós – tem a ver com os falatórios embaraçosos do passado. Enumerar palavras de efeito maléfico ou benéfico não define a humanidade. A todo instante os meios de comunicação utilizam tais recursos, como se administrassem um efeito placebo aos mitos. Em seu capítulo mais intenso, Leontino Filho conclui o livro sem um resultado satisfatório para a autópsia que realizou no ócio. Evitarei qualquer menção ao efeito-Macunaíma, porque ócio e preguiça são dimensões quando menos paralelas na interpretação que ambos, Leontino Filho e Mário de Andrade (1893-1945) têm do mundo e de sua responsabilidade perante o mesmo.

Os poetas foram pouco a pouco desaprendendo a honrar a natureza visceral da criação e com isto foram criando uma confraria à sua volta de ilusionistas fracassados que não mais convencem ao espelho da ilusão de sua precária existência. Há uma proeminente enfermidade da linguagem, antes mesmo de uma decorrente falência das línguas. O homem suportaria – há de se supor, tão-somente – conviver com um só idioma, e não creio que aí residiria a derrocada de inúmeras expressões culturais. O descalabro da humanidade se encontra na dilapidação de um estuário sem limites da linguagem. Retalho de lucidezes, coágulo de alegorias, moléstias de inquietudes. As manobras viscosas tornaram o mundo inabitável ao estampar em cada olhar de seus habitantes um mínimo de desconfiança acerca da verdade que, para o bem ou para o mal, cada um a defendemos.

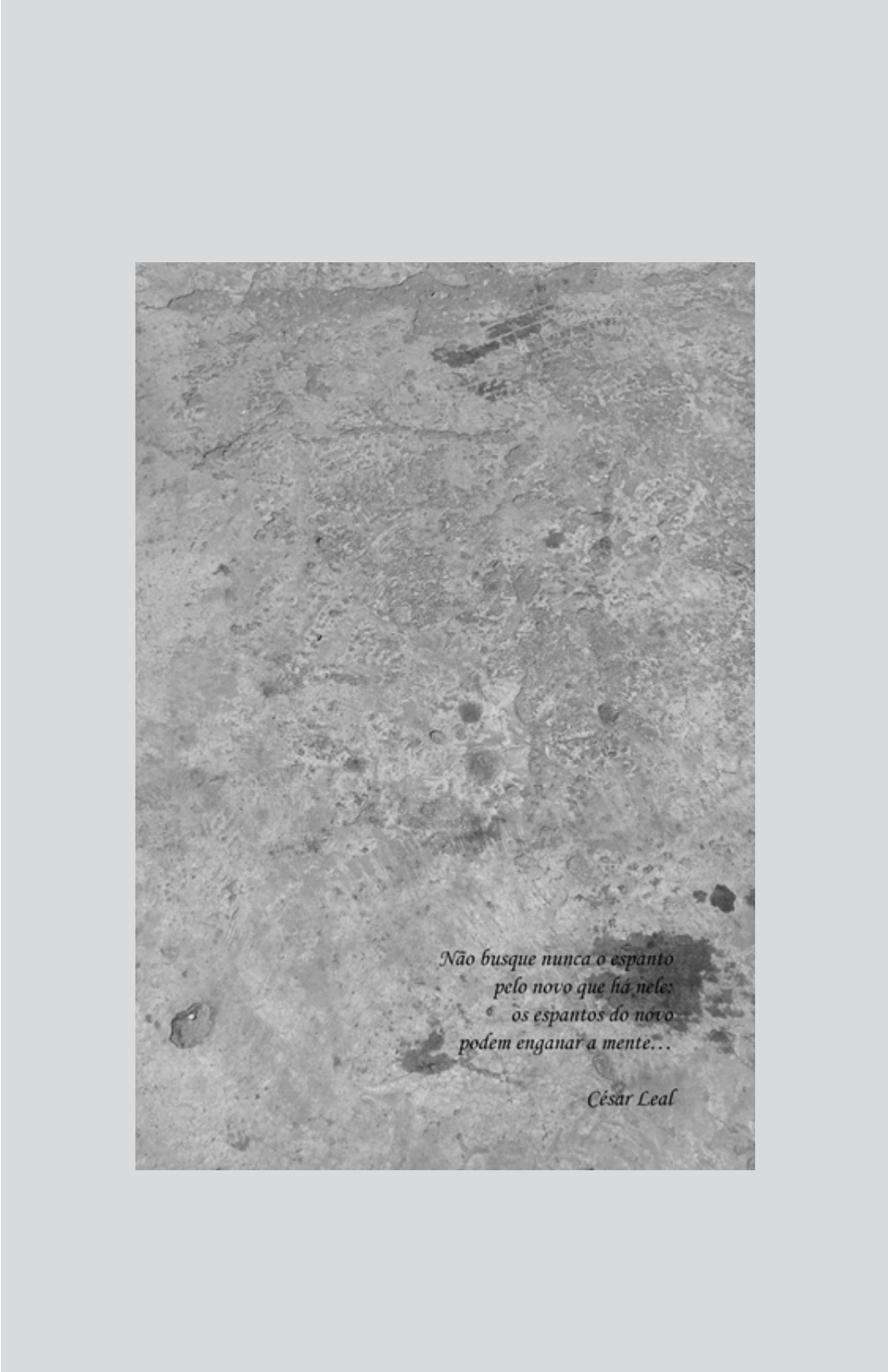
Em seu capítulo final, o livro *Anatomia do ócio* delibera que a palavra pode alcançar qualquer significado e nos arrastar pelo território de quaisquer desastres. Este é um inferno plausível. Uma inesgotável e sufocante perda de identidade. O mundo se desmontando, se esfarinhando, se desumanizando, sem dar pela ausência de um só componente – parafuso, semente, nome. Já não temos mais como armazenar sarcasmos políticos, lixos

atômicos, hóstias falsificadas, lodaçais de infâmia, relíquias putrefatas...

Leontino Filho finaliza sua incondicional defesa da espécie humana conclamando que não se diga uma só palavra até que tenhamos aprendido ou reaprendido o quanto ela pode nos libertar de nós mesmos, de nossos mecanismos autodestrutivos. Esta é a sua *Anatomia do ócio*. O relato de que o homem tornou-se uma aberração diante de si mesmo e que somente pode sonhar com o tecido trêmulo de alguma ressurreição ao se determinar a definir um valor exato e incorruptível à palavra dada. Não é à poesia propriamente – em isolado – que cabe essa determinação, mas sim ao poeta, em especial aquele que entende que sua vida só equivale à sua obra se ambas estão afinadas pelo mesmo diapasão de reconhecimento da humanidade em si.

Floriano Martins





*Não busque nunca o espanto
pelo novo que há nele:
os espantos do novo
podem enganar a mente...*

César Leal

ESPESSURAS

água

lambe em si
o juramento desfeito
vaga no exato ângulo
da tormenta: ventríloco
 estanque
 dorme enquanto pode

cospe em si
o arremedo medonho
encosta no exaurido crepúsculo
da tutela: recém-nascido
 insone
 mitiga os restos de sono

o homem cumpre, passageiro
seu dever
dentro do poço
uma onda

ar

lá embaixo
um corpo nunca proscrito
recobre precários pudores

dança
oculto na insânia dos
entardeceres

como gemidos, pássaros avulsos
sobrevoam escombros

por enquanto
nessa face informe
ondulam graças por

encantadas urgências alongando
córregos
em pedra grávida
de tão fechada nascente
pela porta
um salto acorda
o som

fogo

nos véus do tumulto
um pêndulo
tutela os eclipses
do pranto
dia e noite
uma trégua
desenterra enfeites

nas vísceras da frase
um alfabeto
povoa as palavras
do cio
noite e dia
uma pergunta
inventa pétalas de sol

passa no ponto
crepuscular da página
uma resposta
passa, asa mansa, passa
o espaço branco da sílaba
pelo incendiário silêncio do texto

nenhuma penumbra
anula o assobio
de deus

terra

poucas coisas
encaixam-se
 simplesmente na
melancólica e majestosa
poeira

muitas coisas
modificam-se
 ferozmente no
subterrâneo e predestinado
pó

muito pouca coisa
turva-se
 enquanto barro
aos olhos de um lugar

cheio de tudo
essa estrada

estendida

avança e avança

a nada se iguala

formigueiro gelatinoso

sob os pés

hospeda lama

cravada numa gleba

nasce, cresce, vive

a planta

elo

aparentemente

emparedado no flanco
dos girassóis

posto em novo rosto
o peso fecundo
do espaço é
expressão, forma
e todos os demais
terrenos
onde o tempo treme

a tez do signo
com prenúncios
compõe o vasto querer
dos caminhos

luz extensa
diante das coisas

ANATOMIA DO NOME

1.

divisa

Existe um destino
que vigia os outros
na semipenumbra da casa.

De longe, a lua desengonçada
propaga o tempo crepuscular
dos desatinos.

Existe uma agonia
que cerca a todos
à revelia das línguas.

De perto, os estranhos remendos
do luto pousam na infância
frondosa dos objetos.

A densidade palpável do rio
segue o prumo das coisas.

E as coisas, mostruário de favores
fendem casulos de vento, quadro a quadro.

Na bagagem da morte, sempiterna
não há ninguém possesso.

A centenária vigília da treva
revive a medida da maldição

(nada desvanece, à mercê do tempo)

2.

fimbria

Sorvendo a miragem
o poente se agiganta.

De ressaca, sete selos
aninham berros desérticos.

A discreta neblina enruga
a fonte de signos, a contrapelo.

Uma harmonia abrigada em ranhuras
recrudesce a metafísica encardida do cântico.
À míngua, algo rasteja
na contingência noturna do sopro.

Abrasadas pelos rituais
hóstias escorrem goela abaixo.

Ígneo, o pecado descasca solitudes
sem querer, sons de foice, florescem sinos.

Instala-se o pânico com serões
e tralhas desfeitas desalinham afagos

(depois, costura-se o estrábico desfibrar dos nomes)

3.

lapso

Porque as manhãs e as tardes
divisam as cores e as tessituras
da forma
– as línguas se estendem à sua maneira.

Desde sempre, janelas assombradas
exaurem o mundo
abrigam cansaços avisos lembranças
– e uma penca de respostas.

Enquanto dura a extinta matéria
uma ponte de perguntas aguarda
a lasciva sílaba dos equinócios
– entredevoram-se verbos póstumos.

Na fissura do tempo
as mãos refinam o dia
– a flor marítima da malícia
afugenta a margem branca do idioma.

O travo do acaso eriça a verdade roída
da ternura, morde o perfil do monstro
– tudo que some vira brisa e se esvai
numa crosta de envelhecimento

(salmos porosos, somos)

ANCORADO

I —

(*maré*)

Ao rancor da espera
o anjo passeia sua brandura
ao frêmito da tarde
indiferente à agonia
da solidão.

Adormece à miragem do medo.

Jorra um mar de ilhas à frente
a definhar no sono estrangulado.
O anjo muda a pele ao derradeiro
cansaço exposto no paraíso
elementar do extinto amor.

Bendito comboio da ilusão.

Na antemanhã do percurso o anjo
observa formas e engrenagens da antimáquina.
A tormenta desfaz os espelhos borrados
aos assombros do farol a desfibrar a inércia do novo
verbo em flor da confiança saciada.

Distraído esboroa-se o anjo
em meio à armadilha sem trânsito
do inferno cotidiano. Findo o desatino
o anjo sofre a sensação do fim.

No ventre das águas adormecem as âncoras.

A friagem do ancorado captura na trégua
o fastio do anjo. O ruído das asas no efêmero
da viagem espia o desconhecido
no fermento na ampulheta da expiação.

Sem freios embala-se em êxtase o morto: solitude.

II —

(salto)

Algo de heresia existe
no interior de uma ofensa.
O agressor disfarça o ódio
ao calcinar a raiva
em metades diminutas

e se mostra, escondido.

Traído reluta em sua tarefa
imobiliza o agressor
vencido na asfixia
do fracasso

e se consome, consumido.

Tremulam armas na derrota
o resgate encardido em lascas
de transtorno, reduto da contenda.
Tenso oculto contendor
Derrama contrafeito sua cegueira

e se enreda, enredado.

Acima da discórdia o desvario vagueia
no que resta de confinamento:
do que jaz em cada sentença de cabeças
a abrir fendas no leito da morte

e se quebranta, quebrantado.

Acima do berro ir-se embora
embrião afeito ao fim.
Na clausura permanecer em retorcido isolamento
horror mortificado ranger de corpos

e se desmantela, o desfeito.

Sobras de coragem a agonia traz
o acordo não acordado desfia
u'a promessa cravada nas horas
perfura a interferência dos relógios

e se desgarra, desgarrado.

O futuro s'esfarela, esfarelado, pinga
tombos sem trégua na letargia do presente
toalha passada na ferrugem dos conflitos.
O paradeiro do anjo desembrulha
emboscadas em série, fé sem paraíso

escondido consumido enredado quebrantado desfeito desgarrado

no inferno da mentira: todo purgatório é ingênuo.

PELEJA

o importante é o pedaço que se ganha
o resto que dura
tão pouco
mas que sacia

o interessante é a metade que se perde
o todo que não compensa
tão muito
mas que cansa

o que se mede quando se mede
é a carne
não o exagero da fome

o que se vê quando se contempla
é o voo
não o esplendor do espaço

o que se renova quando se planta
é a paciência
não a lapidação da pressa

importante e interessante é o antes
da carne que dura
no resto que sacia

interessante e importante é o aqui
com aparência de voo
no esplendor da paciência

importa o espaço metade do muito
que se planta

interessa o pedaço exagero do pouco
que se vê

em tudo que passa
interessa tão pouco
o que importa

em tudo que muda
importa nada
o que interessa

de mais a mais o nome é de menos
esplende insônia
importa a
floração de acaso
interessa o
nome antes havido

qualquer exílio é treva

NÁUFRAGO

a dor resiste
em ruínas
imutável

a dor encobre
em cartas
indiferente

a dor recua
em fronteira
sequiosa

a dor desconhece
em farsas
soturna

a dor aprisiona
em derrotas
frágil

a dor acorda
em paisagens
desigual

a dor arde
em glórias
obscura

a dor revela
em paixões
pródiga

a dor arrasta
em espaços
inofensiva

a dor lacrimeja
em lembranças
vacilante

a dor recomeça
sozinha
em sobras d'outras peles

a dor suspira
a teia compulsiva
do caminhante

bem longe
arremessa a carta confusa
copiada pelo náufrago

sempre lida
novamente na eternidade
com irônico sorriso

PROMESSA VÃ

o rio espia
pelas frestas
que a poesia
mascara

o mínimo de distância
amplia a palma
que o verso navega

o mar assovia
pelos córregos
que o dia
cimenta

o máximo de perda
recorta o mapa
que o cansaço disfarça

entre o rio e o mar
a ponte vã
das promessas
que em mim
balbuciam

NOITE BRANCA

minuto que não passa
passando

terrível
a face da luz
severa

preso, ali, o perfil
da insônia
que não passa

ficando
invisível

espanto único
da manhã
que avança
grudado na chave
da minha carne

insone

TRISTEZA

as sombras ressecadas da noite
com a ágil visão do corpo
ou o aflito caminho inscrito na pedra
lembram
este exílio:
pergaminhos da alma
ao sol

nos loucos ofícios da vida
a palavra vence
e a morte do tempo
transborda neste azul feito de saudade:
o retrato da despedida
mais
um coração sem versos
vencido pelo cansaço do silêncio

exílios
do único corpo desossado
na taciturna neblina
da alma:
mãos que não suportam
a claridade dos céus
pensamentos
dos amantes enfurecidos

CARÍCIAS NEGADAS

estas folhas tão murchas
sombreando o frescor dos lábios

estas folhas tão verdes
apagando o sabor dos beijos

estas folhas tão brilhantes
sonegando o prazer dos olhos

estas folhas tão soltas
fermentando o desejo das línguas

estas folhas tão minhas
desvirginando teu chão

estas folhas tão nossas
desencontrando veredas

folhas e falhas
tão nossas

na beira dos corpos
no abismo das almas

na distância do nunca
na descida da dor

tão sim
tão não

falhas e folhas
do tempo

GRAFITE

I —

arestas de luz
ramagens radiosas
tangidas pelo silêncio
o cristal dos signos
tinge o ser de esmalte
dígitos versáteis
na última tentativa da dúvida

sonora apreensão do lugar
partículas de tempo
quando as passagens do verbo
recobrem a cidade
leitura de véspera
no click do texto

entre o salto e a queda
a presa devora a si mesma
caos aprendiz

mero abandono
neste desacerto vazio
rascunho de alguma madrugada
pétala insone no cais

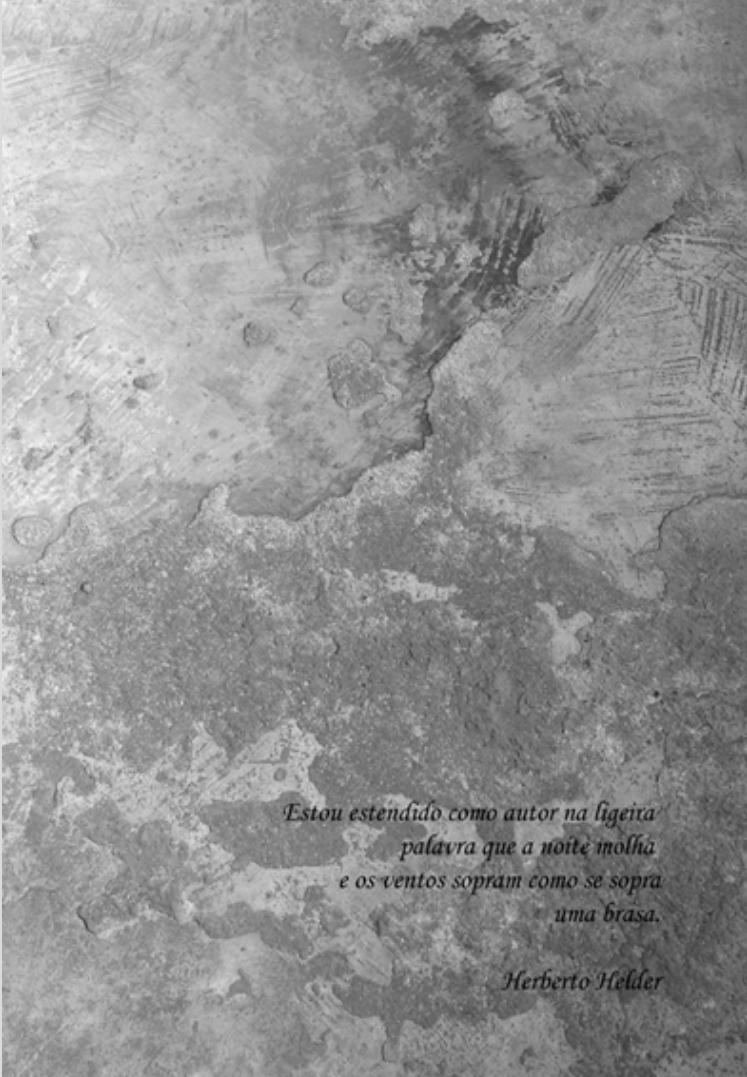
II —

as projeções do pássaro
na escrita
da delirante lâmina
a palavra pode tudo
fere nada condena tudo
salva nada
pupilas precipitadas na harmonia
dos sinuosos gestos

a palavra objeto-mundo
neblina margens desertas
planta o silêncio espreita conversas
muda rotas

emana do signo nu
a palavra tempo
naquele êxtase
contra-vácuo
o cotidiano código
migra para o olho
crisálida no alfabeto final
do corpo entreaberto do amor





*Estou estendido como autor na ligeira
palavra que a noite molha
e os ventos sopram como se sopra
uma brasa.*

Herberto Helder

PEDRA, AINDA CHÃO
(*A Foed Castro Chamma*)

I —

A cidadela das imagens e o seu duplo
desfazem os desertos e preparam voos
paisagens ausentes, desdobradas ilusões
íntima invasão do silêncio.

As faces do belo no olho cego
olhar anterior, cintilações da liberdade
gritos e gestos da linguagem conquistada
o corpo nas sombras de luz.

O delírio das trevas opostas à voz
ritos da claridade, soma múltipla
corrosão do verbo irreal, arcanos vazios
ali o tempo se manifesta – mudo.

Os espaços da perda e o brilho circular
da natureza em combustão, hierarquia do pensamento
o homem refaz a geometria especular

das verdades perdidas, recolhe as suas sobras – queda.

Nos subterrâneos fugidios dos segredos
os espaços labirínticos da síntese
pedra ardente, convite à solidão
antiga operação do fogo, corpos em duplicata.

A sucessão dos sopros comunica
os eternos símbolos das coisas
o desejo a costurar infinitas falas
agonia esfacelada pelas falsas identidades.

Descobertas iguais, dúplice imitação
a imaginação e os abismos abstratos
a beleza e os conflitos estranhos
impulsos atrativos do gozo, encanto indevassável.

Em cada fórmula, a intrínseca
ancestralidade da pedra – palavra
situada entre o áspero e o macio
sonhos da mesma crispada medida.

À noite, a vida repousa
prepara suas próximas estações
chuvas alegóricas na profunda escritura
da pedra – tensa expressão do finito.

No princípio, o vazio e as fugas
oblíquas das vertigens, espaços interditos
da memória, soluços dilacerantes do outro
mergulho no azul alquímico da natureza.

II —

a leitura e o seu duplo
seres enrugados
lâminas que ferem

a ventania e a sua loucura
margens frias
vontades que despertam

o círculo e o seu espanto
metáforas solidárias
flores que transmudam

o muro e a sua força
vultos espelhados
o rosto frágil da lei

o retrato e as suas trans(a)parências
novelos encantados
na fúria do vento

III —

Por detrás das máscaras, a multidão
em disparada – ira acesa.

Por detrás dos estigmas, o mistério
em peregrinação – simetria amorosa.

Dos contornos luminosos, clama
o herói, canto e perdição.

Por detrás das consciências, o veneno
da ciência, engrenagens sofisticadas da mentira.
Por detrás do tempo, a manhã
arrasta-se, pássaro sem céu.

IV —

Comunica a unidade poética
o homem, a terra
o ódio, o ócio.

Recupera a inconstância vital
a alma, a água
a fogo, o ar.

Mergulha na aurora pastosa
a infância, a velhice
eternidade e sussurro.

Contempla a casa desabitada
o homem em campos
estéreis.

Percorre o peso das lendas
o vento e as plantações
ossadas – morte.

V —

A pedra e o nada, eu vi
as eventualidades da matéria
quando as imagens dividiam os seres
e o coração feito bússola
girava no desgoverno do só
– espelho exilado de mim.

TRÊS MÚSCULOS E UM NÓ
(*À Orides Fontela*)

I —

asa temporã
 palavra indelével
sombra devassa
 lunático sonho
na memória
 que não há

...

nove anos
 no castelo
das meninas
 prostitutas andanças
no silencioso coração

...

seios imensos
sangram
o desvario
da inútil poesia
a vida
no rés do chão

...

urgência
das letras
forma disforme das bocas

II —

disfarçar
o vive
expressão burguesa
dentro do sutil
encontro

...

cheiros de história
sábia
lição de não aprender
as mesmas linguagens
as outras chances
de esquecer
e
morrer

...

sem nexo
os prazeres da boca
silenciam o caminho
das frases

...

e tosse e tosse e tosse
no limiar
da imagem
por cair
 tosse tosse tosse
poesia e vida
competência e falência
e e e
inclinação
de regras
cegas

longa tessitura
encarcerado fantasma
da glória
voo póstumo
provisória cama
das batalhas perdidas

III —

após cada badalada
o espírito
repete

(os sinos dobram)
o que foi
o que é
o que será

será que foi o que é
ou
é assim
o que foi
em tudo que será?

...

poeta
o céu aberto
arguta cor
da amarga
solidão
foi a obra-prima

escrita

no cansaço
no fracasso
no desconforto
dos dias

...

a tosse filosófica tosse
a guerreira morta
é a cegueira
dos olhos vivos
a guerreira solta
será a safra
do luxo colhido

...

às nove horas
do primeiro
e derradeiro
galope

...

inocente é a pressa
que (des)conhece
pelos nove ventos
a intimidade
miúda da beleza

fecho

ao avesso
da vida
os olhos
míopes
miram
o trevo

...

de viés
a vida
nas escamas
do tempo
(des)inventar
a teia
 tantos emaranhados
 esta fome gêmea
 gemendo
 no papel

...

a folha
solta na teia
o trevo
hora sim hora não
lambendo
os seios
da criação

RUMORES DE MULHER SOB A FORMA DE ILHA
(*A R. Roldan-Roldan*)

I —

O Mediterrâneo é o engenho
que de mar exposto
arregaça os corpos úmidos
– água estrangeira
que amiúde migra por tantos corações.

A infância, graça ociosa, plange
enredo e sintagma
da viva consciência apelativa do mundo.

O Mediterrâneo é o sertão
que de rio nômade
ouve as metáforas da terra
– chama carnuda
que de vera explode portos alheios.

A memória, matéria pálida, masca
pesadelo e fantasia
da miragem, sósia fraturada da distância.

II —

Quando mar e rio
sertão e engenho
estranham a superfície extrema da dor
uma seca, litoral avesso
da incauta sombra
encarcera em seu cercado
cores, planícies e rosas:
engenhoso Sísifo
embrenhado na idêntica face de Narciso
comete os acertos de um mesmo erro.

O Mediterrâneo cobre o martírio
de Prometeu
e segue à risca
(no barro das ninharias)
a linha lapidada por Afrodite.

As rédeas canhestras do destino
tolhem a carcomida redenção da cegueira.
Adubados pelo óvulo da beleza
os olhos de Erímanto se masturbam:
veem o nu da paisagem
no dorso da i-mortal
mulher-deusa-saciada.

Por essas artérias cegas
o viandante vara o mundo
de déu em déu.

III —

A pé, todo mar
é um rio no sertão
– água trêmula
e presságios de uma outra aurora
(tenro mergulho
na concha das origens).

Todo rio é um mar
no engenho
fúria turva

e enunciações de um céu precário
(relicário perpétuo
no rosto largo do silêncio
– uma pele de mulher
expele infernos infinitos).

IV —

Na pele de Elisa, tudo se parece
lâmina, salitre, cal, fiapo.

Na pele de Elisa, tudo se goza
solução, polpa, nervo, saliva.

Na pele de Elisa, seguem acorrentados
mar e rio, sertão e engenho.

Na pele de Elisa, se exaurem
Afrodite em necrosada ofensiva contra Erímanto.
Na pele de Elisa se desequilibram
Narciso impassível, Prometeu impertinente, Sísifo intranquilo.

Na pele de Elisa cresce a rama viciosa do sexo
anagrama adiposo da sagrada excomunhão.

Na pele de Elisa, os pertences do homem
(tatos, venenos, desatinos): passeiam de mão em mão.

Com brandura e crueldade, Elisa – já anônima – anuncia:
o Mediterrâneo, manso e bravio,
(rio e mar)
carpe
a enorme promessa de reparar deuses
e vontades
em um novo espelho busca encontrar
o atalho da solidão.

DE ESGUELHA
(*A Ascendino Leite*)

três copos de chuva dançam
o peito alegre do tempo
já não mais sorri

dois pingos de sol cantam
o olho mareado do dia
já não mais sorri

um suspiro de vento baila
o braço cansado da noite
já não mais sorri

três braços de cansaço
duas marés de olhos
uma alegria do peito

na chuva sorridente
no sol sorridente
no vento sorridente

chega um tempo
de não mais sorrir

hora de dançar na chuva
hora de cantar ao sol
hora de bailar com o vento

chega um tempo
de esquecer o tempo
de penetrar o tempo

e
de viés
ser o tempo
por vir

como os sol enamorado da chuva
como o vento apaixonado pela noite

ser
quem sabe
só
como
de viés
a vida sabe ser

TELA
(À Helena Kolody)

Como todo risco fino
toda renda difícil
bordar o eternamente.

O peso, as constelações consumidas
no final dos pontos.

Como todo tricô real
toda primavera indecifrada
desfiar os fragmentos.

A trama, crisálidas lúcidas
na lavratura das mãos.

Mãos desprendidas
no mais lento
crepúsculo

Mãos pacificadas
no delinear
do círculo

Mãos engajadas
na duração
da escrita.

Como todo repouso
oníricas belezas.

Como toda imortalidade
tecidos trêmulos.

O verbo soletrando fios do tempo.
O vinho embriagando voos sem volta.
Outrora sonhar
o que não se sabe.
Outrora inventar
o que não se quer.
Com as mãos
subtrair fumaças
farelos amanhecidos de saudade.

Com as mãos
revoar de lembranças
rezas tecidas por vícios.

Tão distante
e tudo existe
insistente
plange o canto, ao revés
(espaço rarefeito, mapa algum a guiar, tempo nenhum).

FEITO PRECE
(A Oswaldo Lamartine de Faria)

Toda infância é grandeza
muito laço apertado
p'ra mover um pouco
os perigos do mundo.

Cada infância é um pouco
dessa epopeia cansada
no muito habitar os rigores
graúdos da poesia.

Tanta infância é um desembestar
certo do tempo
muito pouco ainda
p'ra tresdizer
com súbito assombro
o rio caudaloso das crianças.

Como um destino
de pontaria, pontaria mesmo
a cantoria da infância
com tino e siso
perdura muito
filtrada no agora.

Toda infância a tantas horas
de cada homem
pouco ou nada resiste
à pálida sina da grandeza:
a feição apressada da vida murmura
ainda, no limiar das águas claras, o nome.

CORTANTE
(À Yeda Prates Bernis)

escuta

o recomeço das ondas
a manobra das imagens
despistamentos

escuta

a conversa dos mortos
o reflexo das negações
infiltramentos

escuta

o perdão
rosto prensado no nicho do silêncio

escuta

o improvisado
princípio levitado na manhã estrangulada do canto

são rastros

esses sons

melódico tiro com receios

são feridas

essas vésperas

sangue espesso com rimas

ouço

a calma sensual dos teus versos

são exemplos

- acrobata lâmina

lances de cristal

na emoção

INTERLÚDIOS
(A Sérgio Campos)

sombra

toda memória é perda, nesga de esquecimentos

toda memória é leitura passada, rabisco de giz na pedra mo-
lhada

toda memória é síntese inconclusa, infância pela metade
toda memória é um pai-morto, perambulando pela nossa lem-
brança

toda memória é abismo, exílio de eterna perdição

*cada sombra carrega muitas memórias,
luzes vãs do pensamento*

*cada sombra habita muitos sonhos,
auroras vadias desses sóis*

*cada sombra conduz o um ao outro,
nulidades de ações ... identidade requerida*

*cada sombra prediz alegorias e mitos,
o nome almejado-silêncio*

cada sombra é abismo, espelho de memórias do corpo
ofícios de um rei destronado:
perda do poema, encontro com a poesia.

interior

todo mar antes de ser absoluto é sempre anterior

anterior a qualquer motivo, a qualquer música, a qualquer
tema, é anterior
à própria criação, ao próprio lamento humano, à própria
inspiração, é anterior
à poesia e ao exílio

um mar é feito de inúmeros mares

um mar é feito de inúmeras vozes
(exílios refeitos no périplo dos profetas)

um mar é adivinhação de dias felizes
(procura incansável do verbo)

um mar visita as frouxas madrugadas de chuva
(e distribui nossa permanente sombra insone)

antes de qualquer reino
o mar é posterior a tudo
(invenção fisgada pelo olho que
improvisa retratos)

se é assim
o mar anterior e absoluto é um
amor de poeta quase perfeito

A TOADA DO NAVEGANTE
(A Edson Guedes de Moraes)

Pequeno é o mar
para uma vida tão curta.

O purgatório de ondas
é inútil
tão inútil como a visita
indesejada que surpreende
a epiderme do ar.

Imensa é a vida
para um mar tão longo.

O cemitério do sono
é valioso
tão valioso quanto o sabor
desejado das lágrimas
em forma de concha.

Um dia
a maré, com os espaços que ocupa
dirá
do tamanho do mar e da vida
curta-metragem de uma sina
longa.

O sono fantasma do navegante
é doce engano
que habita outras geografias:
infância dos segredos
– coreografia que devora
a pele da saudade.

Repouso e tontura
na viagem:
tempo fortuito
da velha toada.

Escorre a língua da vida
frente ao mar
que veste de amarelo
todas as ausências
evanescentes:
feixe cósmico
da angústia.

ESPELHO
(*A Anníbal Augusto Gama*)

Uma estação de barcos varre
as manhãs de desertas
oferendas.

Um rio de girassóis inaugura
os assombros de estranhos
elementos.

Uma danação de soberbas desgrenha
os despojos de túrgidas
verdades.

Um destino de falácias engendra
as auroras de perdulários
quereres.

Uma súplica de passados inunda
as léguas de necrosadas
tormentas.

Um cansaço de fantasias sedimenta
os beirais de comovidos
fardos.

Uma queixa de mitos sacode
as trevas de raquíticos
excessos.

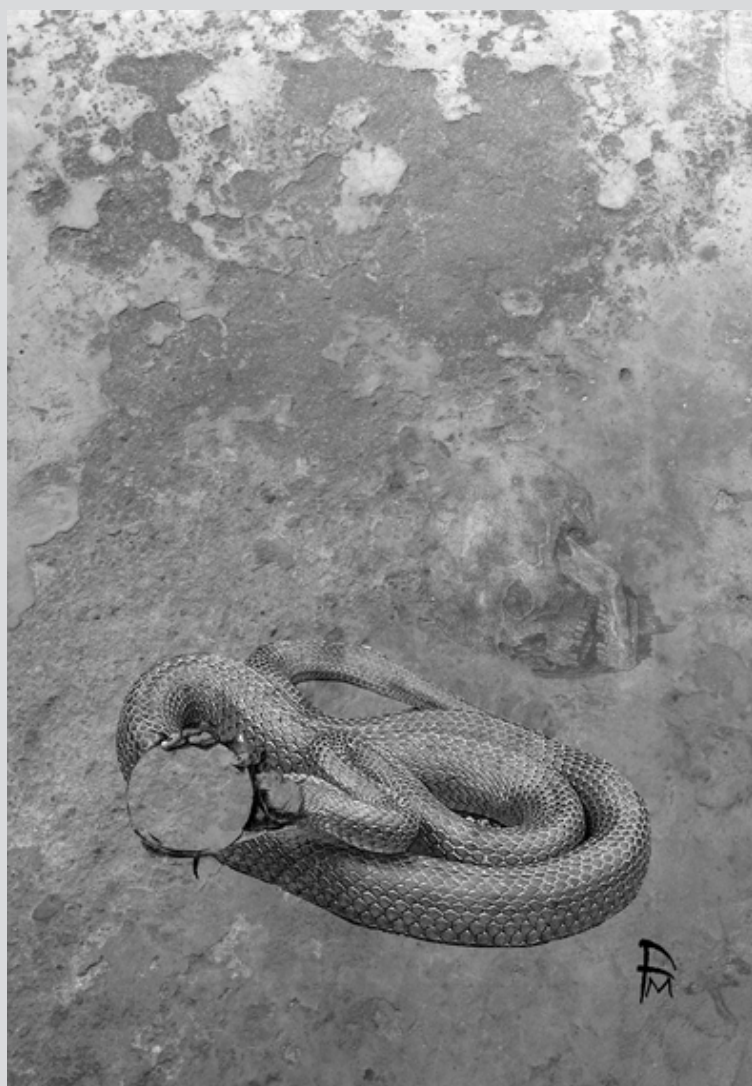
Um novelo de lendas estrangula
as núpcias de porosas
alvoradas.

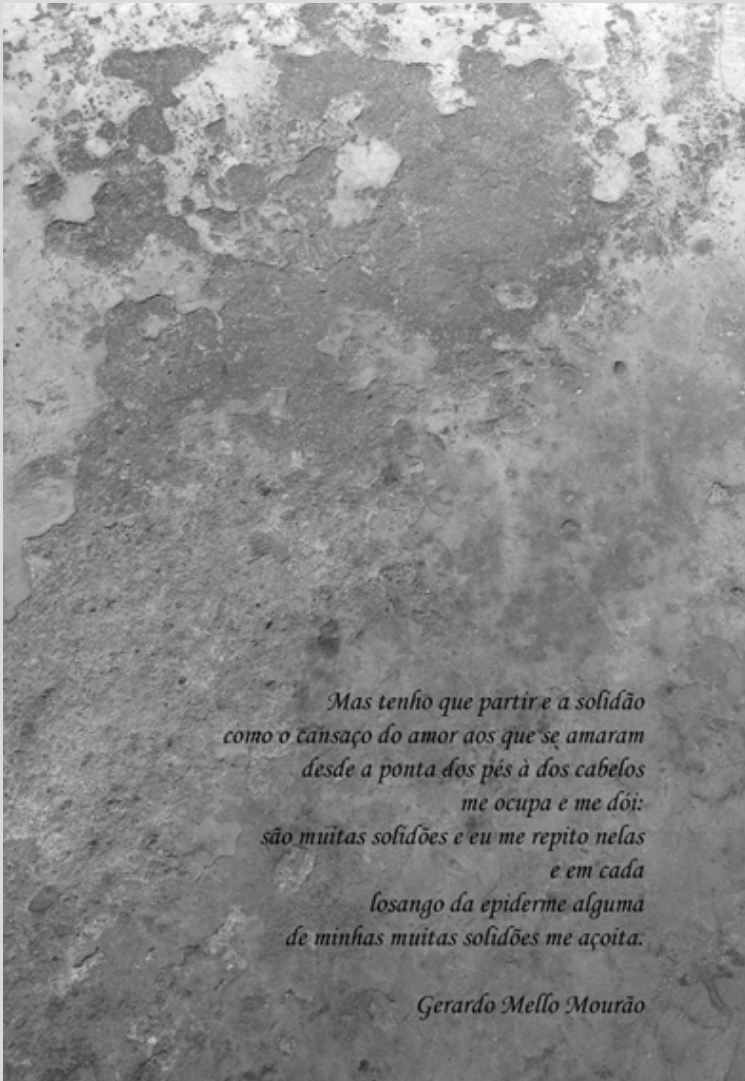
Um compêndio de lembranças paralisa
os sortilégios de trêmulos
oráculos.

Uma migração de gritos aprisiona
os ventos de inconfessadas
iras.

Onde o impossível não tarda
soa
sôfrego
(pelas bordas da possessão)
o júbilo azul
de *Um*
(conluio).
Onde o impossível regressa
soa
álacre
(pelos rastros do horizonte)
a conquista mais azul
de *Uma*
(senda).

Um e Uma
(sobre a cascata de neblinas)
respiram trêmulas perguntas
grudados no muro
de perfumado azul.





*Mas tenho que partir e a solidão
como o cansaço do amor aos que se amaram
desde a ponta dos pés à dos cabelos
me ocupa e me dói:
são muitas solidões e eu me repito nelas
e em cada
losango da epiderme alguma
de minhas muitas solidões me acoita.*

Gerardo Mello Mourão

ENIGMA

o homem decifra a noite
cores perdidas
no sem sentido das estradas
maciez e voz
apagando imagens

o homem decifra o espelho
metáforas duplicadas
no sem sentido das conversas
máscara e medo
espalhando suicídios

o homem decifra o homem
viagens selvagens
no sem sentido das mudanças
lança e morte
cobiçando cinzas

mesmo assim o homem habita
a noite
estrelas em mudança
estradas duplicadas
no sem sentido
das conversas selvagens

as cores, as metáforas, as viagens
pensando
a cegueira das feridas

o homem chora
cheira terrores
na inquieta maciez da morte
o homem guarda

grandes campos
na máscara cobiçada dos suicídios

do outro lado
o avesso do homem
tarde azul

c a i n d o

LÁGRIMA

imaginar os passos
o som lento
a construção da tristeza

imaginar as dívidas
o ritual ancestral
a canção absurda da terra

imaginar os exílios
a saudade farta
a pátria em pedaços

no hemisfério dos olhos
a imaginação passeia
doce migração dos lares

no hemisfério dos olhos
a memória registra o arco-íris
larga solidão dos reinos

no hemisfério dos olhos
o poema desencarna
fria calmaria dos becos

a língua no hemisfério dos olhos
nem imagina as migalhas de culpa
cuspindo vícios
rachando cabeças
afogando sombras

a lágrima no hemisfério dos olhos
nem imagina os restos de sonho
moldando passos

devorando sentidos
borrando tristezas

imaginar todo hemisfério
é revolver o inverso dos olhos
tudo descontar, à revelia
 separar pedaços de crepúsculo
 misturar pousos
 romper acordos
todo hemisfério é imaginação
 inocência gasta
 v a d i a

OFÍCIO

os braços carregam a transparência dos beijos
acendem
guerrilhas
gozos
gastos

os braços descrevem a dádiva da carne
comprimem
suspiros
sopros
soltos

os braços aderem aos erros da amada
descansam
nômades
nortes
nunca

os braços dissolvem a resistência do coração
enfrentam
bússolas
barcos
benditos

os braços desmancham o princípio dos espaços
colhem
lágrimas
lugares
lentos

os braços tecem os venenos da alma
geram
tédios
tipos
tensos

os braços cavalgam longínquos cristais
 furor desatado
 nó resoluto
 dos riscos
 inadiável sentido fincado
 no brilho do passado

pingos entrecortados
colisão de afagos
os braços
abraços e barcos
de adeuses
infinita nostalgia
hoje
rachadura

ABISMO

O espinho da loucura
atormenta
a escrita que te toma
neste anti-calendário
página
escassa
refundindo o texto

louvada
festa guiando ao redor do Nada

O vazio
frio do mundo
recobre as diferenças de Ninguém
tudo age no trágico
sufoco
de tua demência

lavratura prensada
com a sofreguidão das horas

A corola do Nada
aroma de Ninguém

é o outro gozo
de tua renúncia
(tudo padece assim:
chama o nome, talvez, do dia – turbilhão das respostas adia-
das)
fragores sobre ti

enquanto, ao redor, desfibras
a cama transida de juras
o mar ruge
convertido em espera

Oh, impulso depositado na urna
corrente da insana

idade
do pensamento
algo em ti
perde-se no remanso
até cindir a razão
quase pó
além dos templos
lá

FERMENTO

Pétala virgem
de lado
tateia
em flor

*secreta
lá estava
mansa, tão à vontade
ornada de fantasmas.*

Olho vexado
quase
se abrindo
em luz

*absoluto
antes da tempestade
barbante da existência
balança entre formas .*

Pele gêmea
pelo meio
festeja
em brisa

*expressiva
grifa a desmemória
em varandas e terraços
feito um imã.*

Vem de dentro
a sibilância do corpo
menos e mais
tocando palavras
que lavram
devagar
rútilos
começos de flor
em pétala

*nascemos
em busca
de outros
horizontes
pontos de exclamação
recordam
nos sobressaltos
que guarnecem
todos os espantalhos.*

Vem de fora
a distraída nudez do ato
embaixo
argüindo a espera
que inacula
por entre
céleres
luzes de inocência
em olho

*repaginamos
sem lacrar
as saudades
cheiro bom de amiga
uma resposta arfante
alinhavada
no nome invisível
depois do acordo
que importa.*

De agora, vem, por aí
a imagem
um vintém de som
(crina do ir e vir)
condensando cheiro e cor
da impermanência
movimento e tato
preces da pele
em brisa

*sobre a pedra, a paz
sob a neblina, a vida
forte chuva
nos banha
como mugidos
de desassombros
esculpidos
entre o ar e o rio
cada amor selado.*

No leito
da tarde
um poema lento
possui
o tempo

*ardemos
o susto
contra todas
as escoras
do minuto fugidio.*

TRAVO

que longo espanto
– a noite escura
a solidão reverbera
janelas
portas
cadeiras
o quarto tudo tão vazio

a lua fogueira repartida
no peito do sol
que se avizinha

que curta vida
pisoteia nas ondas do sangue
às vezes prece
lábios
bocas
ilusões
o coração emudece
abre-se em lágrimas
verdes ao vento

travo amargo
no encalço das vontades
querer a vida espetada
em flor

larga
voz do espanto
adormecida na terra

nuvens carregadas de tristeza
para tão pouco chão
uma manhã penumbra de insônias
em desatino se desgarra

noutro canto
pequenino
apenas um gesto passa

vaga, anônima
junto à multidão
a febre serenada
em prantos
de segredo longo

ESTIO

a asa comprida das horas
fossiliza
o espanto inútil das coisas

o tempo incendiado pelo despudor
enferruja
o estio cativo da agonia

o olho das horas
há-de cravar suas garras
na boca lisa do tempo

esse olho tempo
(único deus
verbo imprevisto)
converte a asa desnuda da morte
maldosamente
na balada infecunda
do vazio

todo resto
é susto de deus
(chave perdida)
túnica branca
suspensa
no nunca que canta
todos os senões

entre brechas
o sermão do sim
além da porta
o sono espera

RASURA

às escâncaras

a orfandade decadente
da consciência
alonga-se
amanhecida encardida consentida
a infausta súplica
carne viva da memória

ao redor
o desconsolo submerso
do choro
esfacela-se
exasperado concentrado inalterado
o estéril remédio
pátina paralisada da loucura

(o tédio que qualifica
não é o que difere
tampouco o que iguala
mas o que devassa
o purgatório das palavras)

já cingida
a diáspora da vontade
multiplica a rede de sensações

duma só vez
existe somente
o ser órfão
que a cada deslembração
chora
na poeira incontida da queda
o raso abismo
sem resposta
eu, cântaro amargoso
apesar
do outro
aqui

BRINDE

I —

Distante da glória
custa recolher
a marca translúcida
do sono
repousado
em pedra cálida.

II —

'Inda vibra
na infinda sina
o esplendor
da beleza incendiada
rostos ao vento prensados
sob as áureas
formas
do deleite.

III —

Furtivamente
uma graça instaura-se, di-
amante
tresnoitado aguça
a vitalidade tensa das chamas.
De repente, a
brasa
não sente
'agoniza
sua ardência.

IV —

Em bagos de felicidade
maturam-se opacas
tristezas
um deserto
sempre-flor espia
a aridez da prece
– vela que tempera o dorso
da santidade embrutecida
(oleosa prisão tingida
de rotinas).

V —

A delícia do beijo
sabe o rumo do resistir
em parcimônia
nome das coisas
moldadas em barro
de extensa formosura.
Avidamente um bocejo
abre fissuras
na ciência do
carpe diem
castigo e remédio
desejosos de ser.

VI —

Tudo é vida.
A vida, sim
que extrai do impossível
anoiteceres
inflamados de não.

De nada mais
a vida
ensaia com feroz fineza

o milagre
do humano viver
– simples
matéria
infinitamente natural
do vinho – sem direção
aberto
ao prazer.

ASSOMBRO

o que assombra nas margens
corta enormes cordilheiras de afogado

o que amorna nos remansos
apodrece imundas riquezas de cais

com sua gramática, assim, entre cordilheiras e riqueza
o rio volta a ser, por um dia, na matriz fora do cais
o outro possível rio que em volta de si mesmo
reacende colinas de ontem

qual campo onde a chuva pára
o rio não é última nem primeira morada

qual flor aonde águas impacientam-se
o rio sem amarras desamarra suas febres dementes

o que o rio assombra
(donde enganos produz)
de certo ele mesmo amorna

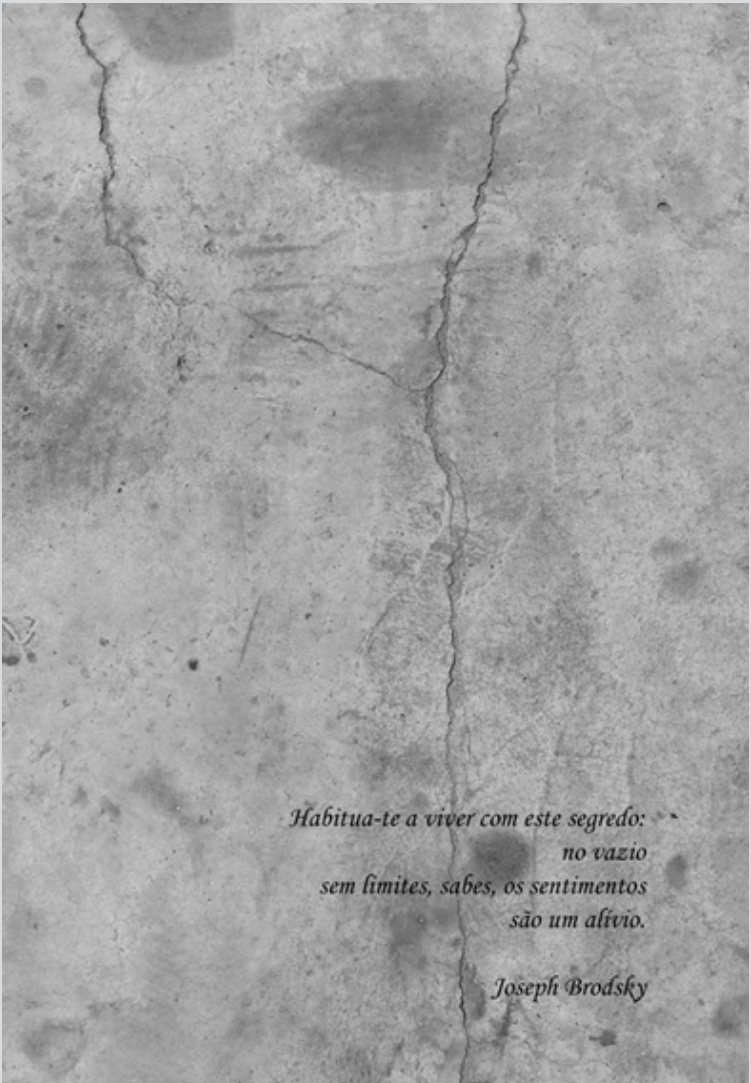
o que o rio corta
(por onde e aonde passa)
surpreende, por lados, afogados fôlegos

ele, já quase esgotado
do que tudo, até faz
na tarde, mais forte
fez-se lábio das horas
no avesso da infância

barba envelhecida, não
lição que as coisas findas
ganham para a vida

hoje, o rio do amanhã
feito rei, concha idêntica
a lei que é libertinagem, volta





*Habitua-te a viver com este segredo:
no vazio
sem limites, sabes, os sentimentos
são um alívio.*

Joseph Brodsky

MURMÚRIO

habitante das distâncias
o homem preconiza
o amanhecer de outras margens
lento, caminha além dos oceanos
saboreia histórias, salmos e reza
em novas manhãs

senhor de sua sina
vai, com o deus inscrito na pedra
de todas as esperas

este homem cumpre a insana
profecia do destino:
cozinhar sonhos numa caverna
onde as páginas de luz
(uma a uma borradas pela solidão)
são lágrimas de abandono
expelidas pela sacra penumbra
do anjo delirante

ele mesmo

PARTIDA INTEIRA

Minha alma cega
enxerga o teu corpo
rasgando
os sóis nus da madrugada

Minha alma louca
persegue os teus olhos
incendiando
as luas tortas da noite

Minha alma vã
colhe o teu cheiro
mergulhando
nos ventos doídos da tarde

Minha alma vai
sem pressa
ao encontro
da perdição:
um corpo só corpo
sem alma
a minha

DENTRO DA NOITE, PENSO EM TI

Volta e meia
sigo rumo à ilha do amor
coisas antigas que ficaram
nau perdida no porto abandonado
barco sem vela
que persiste no desenho
formado pelas águas dos rios.

Volta e meia
o fluxo de imagens paira sobre as águas
e sigo devorando
a cauda dos sonhos
retornando ao chão descontínuo da ilusória
estrada do bem querer:
uma outra história.

Volta e meia
o amor perturba o sono descontente das estrelas
e o luar embaraçado
por tantos murmúrios
arma a provisória tenda da paixão:
o meu olhar de neblina
costurado na memória
tece a infância medieval
do teu corpo.

POEMA MOLHADO

Gotejando nas calhas da memória
pingamos sonhos
aguando as áridas ilusões
gelamos delírios

r i a c h o

marejando lembranças aladas
eis o rio no cio
perene/vadio

I C E B E R G

a igualdade das coisas
algodão encharcado
que a brisa não leva.

ROTA

um naco de amor segue, à vera, há que não negar, ir

há os que seguem o amor por luas, e não são felizes
há os que seguem o amor por corações, e sofrem
há os que seguem o amor por carnes, e cegam
há os que seguem o amor por medo, e enlouquecem
há os que seguem o amor por sina, e se perdem
há os que seguem o amor por desejos, e se aprisionam
há os que seguem o amor por razões, e sucumbem
há os que seguem o amor por ódios, e se desesperam
há os que seguem o amor por demência, e são infernizados
há os que seguem o amor por marés, e são quase inteiros

há os que seguem por seguir, e pulsam, esses sim

há os que negam o amor por obediência, e pouco amadurecem
há os que negam o amor por justiça, e sempre tropeçam
há os que negam o amor por castidade, e encalham
há os que negam o amor por frustração, e enrugam
há os que negam o amor por cisma, e não esmorecem
há os que negam o amor por ninharias, e engordam
há os que negam o amor por birra, e estremeçam
há os que negam o amor por incoerência, e extrapolam
há os que negam o amor por boniteza, e se abismam
há os que negam o amor por pressa, e quase acertam

há os que negam por negar, e minguem, esses não

ARDOR

Só, arrancas a flor
na tarde cinza,

sobrevive
a melancolia, lenço esquecido

cresce

a febre do pranto, sopro
envergonhado
cala
em mim.

Só, enches a pele
na rotina da voz

atira
a sombra do alto, relógio

atiça

a distância furtiva do gesto
desgovernado
preso
em ti.

Sós, os corações
embebedam-se
cegos pelos beijos
não trocados
olhos rodeiam
a boca da palavra
em torno da mesa

mutação bissexta
a mão fechada
mal remenda o tempo.

Sós, dormem os nomes
tardios das promessas.
Sílabas apalpam o vazio
uma hora irrompe
a haste rútila da matéria

quase evoca
a pele-flor
já nada mais será

Só.

ALVO

I —

O que existe do tempo
é a eternidade
rabisco de Deus
na efemeridade dos minerais

um branco sono
revelado por esses dias ausentes

um rancor azul
recolhido por aqueles gemidos inermes

O que existe da cor
é a matéria
faróis do homem
na geografia dos animais

uma ideia carne
maculada pelas pequenas sílabas inteiras

uma razão breve
transmutada pelas reticentes obras divididas

O que existe das coisas
é o percurso
acidentes do pensamento
na fotografia dos vegetais

um reino desdentado
assunto conceito tortuosidade do mundo

uma fala consoante
espaço tempo natural da consciência

O que existe dessa história
com o tempo fora da cor no meio das coisas
veste de muitos matizes
às pressas
vegetais animais minerais
eis de bom grado
a sucessão regular do fazer
sede das raízes

II —

Entre paredes de ilhas
a dicção futura do tempo pretérito
dói por dentro
rente ao presente
que se faz
onde o estado pássaro
do que existe
não passa

Contido o susto
em uníssono
quem sabe?
jacente
à privação humana
no prelo a ampulheta
esconde a bênção seminal

asas
motivo precário
do que existe
flecha
bem-aventurada

de novo a casa eterna
subsiste
sobre o depois

revive branda
distância
em tamanha danação
de si mesmo

pousa

POEMA DA NOITE

Pousa a mão desinteressada no espetáculo da vida
e canta a canção necessária ao homem,

nada para o poeta é tudo que o instante dita:

anunciação de estrelas
folhagem do discurso
excursão do vento
madrugada de naufrago
sentido do caminho

nada para o poeta é tudo que a hora indetermina:

o mundo da criança
a música do sozinho
o retrato da ressurreição
a precariedade da lágrima
o lamento da lembrança.

Inclina o olhar insólito na orfandade do sonho
e murmura o pensamento insensato do mistério,

cada coisa para o poeta é divina em sua profanidade:

punhal cego que afunda desertos
ferida límpida que molda vultos
cristal embaçado que colhe abraços
pedra amolada que gera flores
pranto tímido que anuncia sorrisos;

toda coisa para o poeta não raro é uma procura:

loucura ardente que navega esplendores
atitude diferente que habita diálogos
certeza arisca que vibra em sigilos
amargura contida que flutua nas noites
espelho demente que expressa delícias.

Na lâmina afiada da ventura
a raça dos poetas prepara o céu, o mar e a terra,
sem querer, viaja no embalo do encontro:

imagem da canção quando o nada
na frágil cantiga do destino
deixa transparecer a medida provisória de tudo.

FÔLEGO AMARGO

a única certeza que restou
desgarrada
segue posta aos cinco ventos
das quatro noites
como um pássaro repetido na perpetuidade
das fábulas

a única dúvida que sobrou
descarnada
volve atada às três nuvens
das seis matinas
como um filho confinado no abandono
dos lamentos

e quando se herda a certeza
de tudo quanto a dúvida sedimenta
uma dor tão equivocadamente renovada
faz-se depressa
cega de intolerâncias
– as cartas garatujadas pelo terror
involuntariamente, também
apequenam-se
(ainda mais)

tão comprido é o desespero da lágrima
frente ao recomeço da vida
que o nome agiganta-se
numeroso, bem rente ao paraíso circundante
do futuro

quis assim a vida
poucas auroras em volta de mim
páginas fabricadas com o tempero
da incerteza

eu, filho rendido aos beijos
dos adiamentos

num reino de pássaros
onde vozes embaladas pela algazarra
retornam a si

enxurrada de anoiteceres
antes que
a procissão de malefícios finde

de tanto peso
vivo rijo, caravela
entre volutas
(tenra lã de sorrisos)
esperas que acumulo
– constelação de etcéteras
enfim, eu mesmo
solução

MIRANTE INCLINADO

dormir
no claro abismo da madrugada

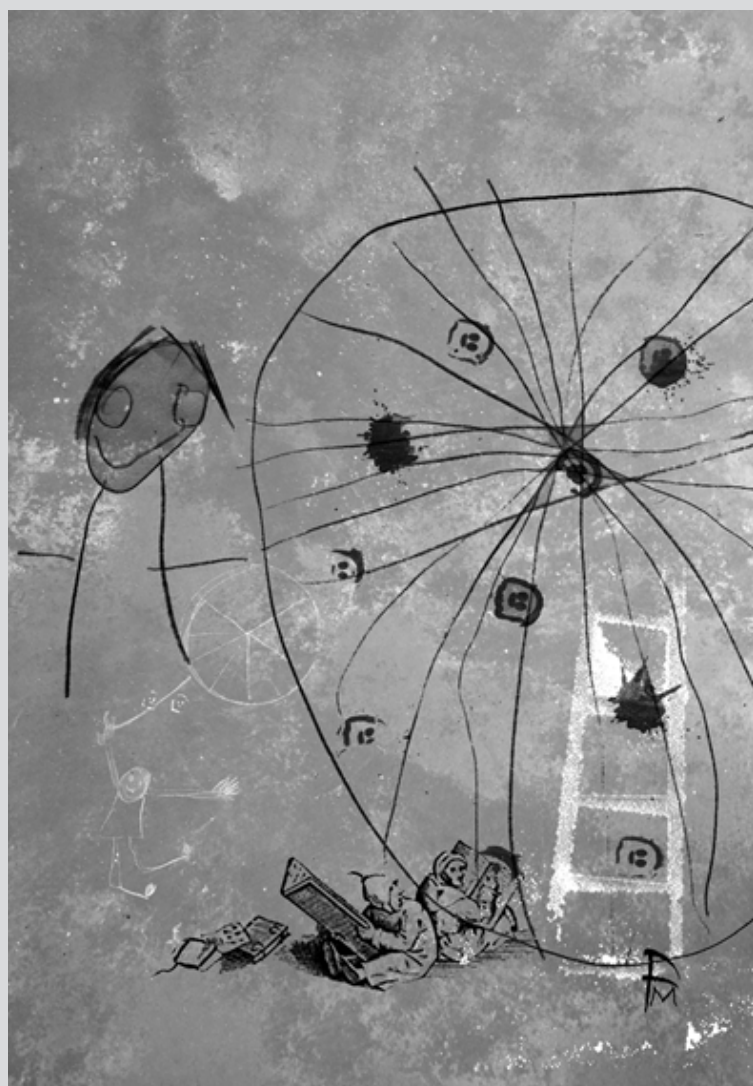
volta
céu tão pouco azul
visto do quarto
de uma janela talvez

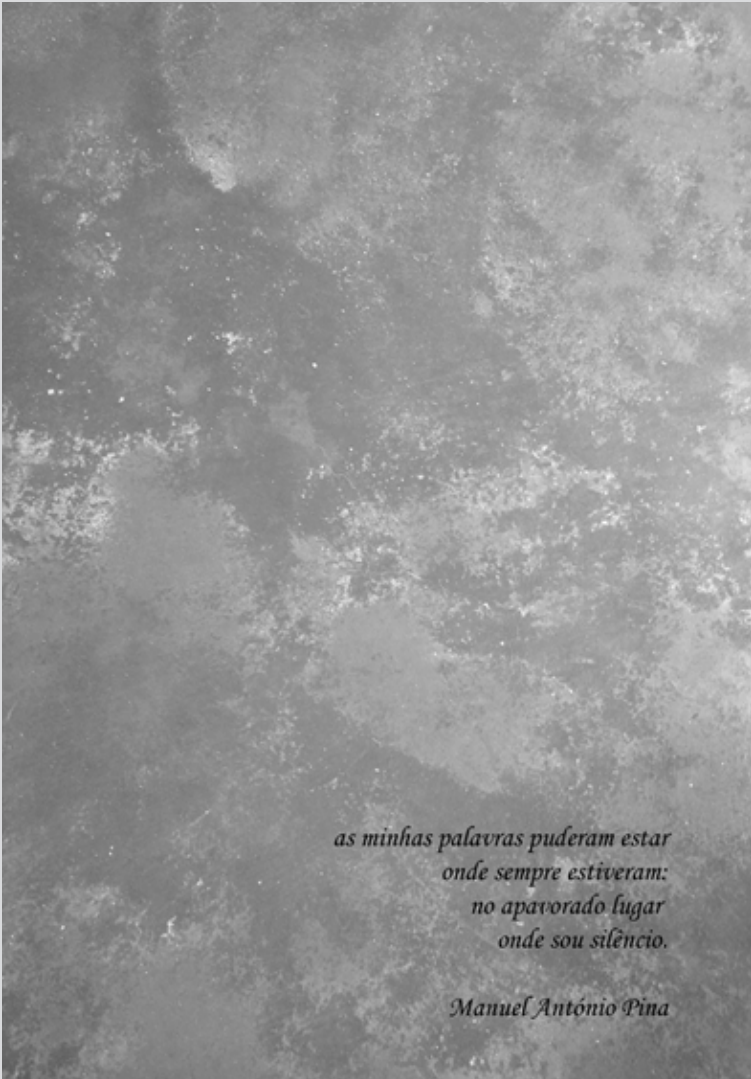
algumas tempestades
pelejam
com hedionda
fúria
para esvaziar
por inteiro o silêncio

acordar
no meio impossível da espera

guarda
sentido bem mais diverso
parado na sala
de um canto qualquer

tantas vertigens
retornam
sem sua sufocante
saudades
para alisar
pela metade
a ilusão
do que em mim
é lembrança





*as minhas palavras puderam estar
onde sempre estiveram:
no apavorado lugar
onde sou silêncio.*

Manuel António Pina

ÂNCORA LEVE

os fios que desatam as travas das portas
que destravam os trincos das janelas

os ventos que urram nos caibros dos telhados
que dormem nos vãos dos porões

os perfumes que pousam nos mosaicos das salas
que correm nas bandas dos quintais

as locomotivas que circundam as agonias dos trilhos
que amamentam os gozos dos dormentes

as putas que mergulham na sequidão dos olhares
que sofrem na península dos fetos

as cabeças que fervem na paciência das retinas
que mendigam na insensatez dos tribunais

a poesia que se bebe em fios de ventos e perfumes

a poesia, rosa simples, que esplende em locomotivas, cabeças
de putas expostas

a poesia, ventania que destroça portas e janelas enrodilhando
telhados, porões e quintais de salas em fôlego de enforcado

a poesia, cortesã de tristezas, que bifurca entre trilhos, fetos
de agonias e gozos

espreitando olhares e retinas que dedilham a paciência afoita
dos tribunais

a poesia, renda branca, solta nas persianas das mãos
geme em cicatrizes soturnas de versos abandonados

as papoulas que fulguram na fome das línguas
que desfalecem em hectares fúnebres de ausências

as vulvas que semeiam cânticos nas migalhas dos mitos
que celebram em bordéis a doçura cariada da fé

os armários que estalam visões no sobressalto da memória
que amolam em penumbra renegados poemas de sangue

os amores que soterram infâncias nos sobrados da carne
que promulgam chuvas em tempestades lânguidas de adeus

a poesia, safra sáfara, fita papoulas, mitos e veste-se de línguas na soleira da fé

a poesia, enquanto ausência, explora na carne dos amores a
memória da chuva
fome aliciante de vulvas penetradas por cínicas vontades

a poesia, pedra em cio, flecha das reminiscências que arde na
calmaria dos infelizes
em transe, beija o provisório seio da maldição, e segue, plantada na montaria das mutações

exangue, a poesia estilhaça o monólogo das mãos
catedral impura dos vícios que irrigam as ilhas

nas paredes do êxtase escorrem açucenas, fantasias que abraçam âncoras
pórticos que ergui em horizontes de palavras, minhas esculturas no sétimo limiar do signo

uma eternidade tão tardia, núpcias de poesia na casa do homem em forma de final

juízo das minhas tentações

NEBLINA

Na natureza
a chuva faz
sua letra devagar.

A palavra
aciona no chão
suas origens:
um mar de planta
a hibernar
nomes no caule
das árvores ao vento

a haste além
da aparência mineral
flor espremida
a desdobrar no rio
a plácida vertigem
do dia.

A voz geme
nos caminhos
da imagem a sussurrar
os ossos do encanto

nos longes
da linguagem
a dissolver venenos
nos confins
do tempo.

A noite acende
o anoitecer
no olhar das estrelas

a adivinhar o decapitar
do cacto prematuro
na esfinge do sol.

A luz ignora
o vazio
nas sombras
da nuvem
a estampar o azul
das estrelas
nos olhos
no firmamento.

CAMINHO

do falso encanto

o belo do avesso
do canto
do asco
em opróbrio

a bela da rosa
da janela
da casa
em lascívia

passa em triunfo
a cicatriz
a ferida
a prudência
do ócio à ênfase

passa em ultraje
o sério
o pária
o servo
da blandícia ao método

da beleza em falso
com direitos
dentro da sólida
ferrugem
cândido cio

da beleza em clausura
sem deveres
fora do pútrido
hábito
fenecida fé

em minguia o belo passa
em quando a bela passa

devagar
farsa
bem ligeiro
falsa
devagar mais ligeiro ainda
quanto mais farsa
mais passa falsa

a beleza em suas estufas
 virgens
diz-que-diz o prontuário
 crônico
de sua passagem
 eros
sob o umbigo da falência
 de . can . ta

LOUÇA

I —

a letra dentro do eco
forma
descamada de vírus
frágil
finge nunca ser sombra
frágil
cristal incandescente

atento ao olho vazado
da jura
frágil
bem devagar essa graça
frágil
um dia cai
pelo chão
desata
graveto no centro
do sufoco
frágil

em riste, a nudez
roça as escoras da infância
um toque

frágil
penetra o aconchego flutuante
cio engenhoso motivo
frágil
dia lento que num sopro
frágil
tatua a moldura
do ciúme
cuidado precário
ungido pela face risonha
frágil
do revés

II —

uma lua
no pingo da escuridão
emudece todo temor
tudo parece
frágil
quando o querer
a pretexto se contrai
frágil
entre lisuras
na lousa desnuda do ofício
frágil
órfão à espera
de algo mais

afunda em fome

frágil

carne viva
trincada
louça
essa

LIGA

quase vivo
as horas por vir
as impurezas do lucro
a noite antes do dia

quase vivo
os lamentos por ti
as encostas do nada
o beijo antes da boca

quase vivo
as feridas por ser
as heranças do pó
a marca antes do ferro

quase vivo
os tropeços por ti
as cismas do parto
a cinza antes do fogo

quase tropeço
nas horas impuras
do beijo
nos lamentos encostados
do pó

quase herdo
noite e dia
nada na boca
feridas e cismas
antes de ti

parto
(quase)
língua enferma
(do ser)

SELO

a mesma casa
casca nascida de distâncias
restauração ausente
do lugar

a mesma mulher
vestido antigo de mistérios
respiração intensa
da forma

a mesma força
cortejo alinhado de sinais
floração insensata
da morte

a mesma amargura
lei agreste de semelhanças
dimensão imaginária
do vício

a mesma sorte
peso pesado de vestes
crime fáustico

da palavra

só uma coisa não se vexa: repetir
a mesma casa a mesma mulher
a mesma força
a mesma amargura a mesma sorte

só uma amostra não se perde: percorrer
distâncias mistérios
sinais semelhanças
vestes

tudo com a mesma palavra pontuada
no lugar da forma
no vício do perdão

na morte
esse arremedo de lei
(fé abarcante)
que sufoca
mesmo

RAIO

O quanto em mim
for brevidade
no extremo sôfrego
deste esforço
sofro a todo custo
o repentino choro de um adeus
sempre triste
onde
desamar é quase amar.

mínimo defeito
ferimento ácido retalhado
na trégua fina
da impaciência

O quanto em mim
for desassossego
no gozo frugal
desta escolha
desfaço a tudo esquivo
a viscosa artilharia de ser
sempre cego
onde
servir é quase comandar.

pelas frestas coaguladas
do nascer
bebe-se um naco
de contentamento

Em desalinho
o que grassa quase
fareja desconfortos
desdobra tédios
esfria frutos
grava molduras
desprega alegrias

contesta manobras

nunca antes
sem desembainhar a graça
de ser quase
fogo.

LEGADO

nas planuras da solidão
reverdecem arestas
pontiagudas vidraças
assombram distâncias
o entardecer de sóis
rebenta recordações

borrifadas em bem querer
as sentenças entalhe assim
encurtam-se as paragens
até não mais sobrar tropeços
rezas de trecos com nada

há reveses em fluxo
a contrapelo azulam
no tão óbvio encaço
do desejo os desatinos
amantes de dublês
o novo sem novidade
indiferente aos pontos

há atalhos ao pé do ouvido
se enroscando na algidez
da cobiça primazia sobre
o abecê poeirento da vida
liras vestidas nem tanto
no travo sem rédeas do ser
a dessantrar memórias

apenas só de repente
por achar que a
saudade de si
revira no outro tudo
chuva acordando telhados
[tempo que bate neste mundo]
o soluçar da dor arrumada
nas imediações do depois

(estrada meio contrariada do agora)
a cabeça em sortilégio cura
ai do amor
amar zás saber

FIO

o delírio da canção
parte em revoada
nada nasce do nada

sempre o sonho
em mim
fez morada

regaço de noite
caminho e espaço
poros da mesma
tarde

sozinho
o verso-flor
por nascer
anuncia o paraíso

ali
onde o perto
é sombra vagando céus sem fim
ali
onde o longe
é calor arremessando lágrimas sem fim

paro

o delírio da canção
descansa
leito manso de rio
punhado de sono
consumido

sigo

DE (NÃO) PODER SER PALAVRA

Pode a palavra
grafar futuros
pedir âncoras
abrir flancos
singrar mares
magnificar rios
apascentar cabras
grampear guerras
suportar mortes
tudo a ela
basta
poder.

Pode a palavra
pastorar insônias
penhorar álbuns
hospedar exílios
estancar poemas
confessar aflições
devastar prodígios
poligrafar glórias
germinar ausências
nada a ela
resta
poder.

Pode a palavra
embalar augúrios
preludiar gueixas
carregar perguntas
contornar juras
exibir madrugadas
despistar respostas
tramar romarias
ordenhar pesadelos
canta-se
a ela
o poder.

Pode a palavra
habitar assombros
desfazer esfinges
envelhecer prazeres
trespassar entregas
habilitar gentios
amolar memórias
revogar espaços
reparar estios
 volta-se
 a ela
 o poder.

Pode a palavra
carrear vítimas
ruminar mitos
desertar fantasmas
decifrar tocaias
inventariar sentidos
espelhar origens
germanar oráculos
serenar mênstruos
 vinha vindo
 ela, a não mais
 poder.

Pode a palavra
beliscar esperas
chagar chamegos
escavar nostalgias
assustar temporais
cavalgar sombras
macaquear orgias
obsequiar graças
acariciar espumas
 ia indo
 ela, a mais
 poder.

Pode a palavra
banhar desertos
postular amplitudes
desnudar remorsos
licenciar timbres
fecundar ilhas
alimentar fúrias
afundar estrelas
irrigar volúpias
se fosse dado
a ela
o poder.

Pode a palavra
amadurecer ilusões
hipotecar himens
esperar caravanas
explodir alegorias
lavar obsessões
mutilar reminiscências
ultrapassar cios
soterrar súplicas
se fosse negado
a ela
o poder.

Pode a palavra
procurar aromas
interrogar genocídios
incendiar sossegos
misturar verdades
dividir carícias
ostentar histerias
fundar noites
dilacerar auroras
cada vez mais
a ela
o poder.

Pode a palavra
expulsar idades
decorar fendas
aguar tempestades
moer oferendas
jorrar identidades
incendiar tendas
lamber cidades
arquivar contendas
vez por outra
a ela
poder.

Pode a palavra
erguer alcovas
domesticar silêncios
regar paradigmas
confundir rotas
consumir estradas
beber tédios
malhar majestades
copular abismos
vai e volta
a ela
o poder.

Pode a palavra
lapidar intrigas
mastigar panaceias
amolar odores
pactuar cristãos
extinguir trevas
fustigar labirintos
repetir vontades
tanger desmaios
nem se vê
com ela
o poder.

Pode a palavra
suspender partos
parafrasear igrejas
gerar hierarquias
confiscar partidos
lambuzar ideologias
embalar clamores
exalar pornografias
encarnar santidades
bem se vê
com ela
o poder.

Pode a palavra
decretar vômitos
paragonar mapas
endossar júbilos
desatar suicídios
purificar nódoas
afugentar pilhérias
masturbar anjos
despir espantalhos
mas nem tudo
por ela
poder.

Pode a palavra
postular liturgias
tosquiar destinos
perfilar palavrões
velejar colinas
ignorar ortografias
segurar orgasmos
insinuar vidas
armazenar eras
a si mesma
por ela
poder.

Pode a palavra
abotoar fetiches
marcar parecenças
bafear dádivas
bradar lamúrias
obsedar pânico
alongar andanças
plasmar relatos
amornar fianças
 não chega
 a ela
 o poder.

Pode a palavra
iluminar lágrimas
parir frenesis
queimar véus
ultimar pecados
numerar batistérios
vulgarizar valores
desonrar patentes
vilipendiar virgens
 não deixa de ser
 ela
 o poder.

Pode a palavra
finalizar fábulas
fiar paixões
bendizer malquerenças
jardinar oblações
abjurar travessias
maldizer benquerenças
pontear algarvias
chumbar gárgulas
 em sendo
 ela
 o poder.

Pode a palavra
tiranizar deuses
ganhar margens
ablegar terços
garantir dúvidas
amordaçar preguiças
turvar piedades
vergarstar usuras
afelear altares
 tal qual
 a ela
 o poder.

Pode a palavra
quebrar jaulas
varar vampiros
identificar lápides
vergar básculos
captar cárceres
venerar vândalos
xingar xiitas
nutrir parlendas
 de frente
 a ela
 o poder.

Pode a palavra
açoitar bichos
comover tiranos
acolher trapaças
bispar botijas
oprimir puritanos
brotar banzos
quizilar oligarcas
franzir línguas
 um tanto assim
 a ela
 o poder.

Pode a palavra
perverter profetas
humilhar paxás
anistiar purgatórios
beatificar bandidos
manejar venenos
malsinar paraísos
moldar xamãs
beiradear infernos
apenas
a ela
o poder.

Pode a palavra
lacrar estorvos
ungir velórios
tisnar desculpas
aturar bulimias
obturar risos
anestesiá sóis
ufanar problemas
abastardar luas
vai e volta
a ela
o poder.

Pode a palavra
originar bravuras
liquidar heróis
vulgarizar valores
balizar paixões
vingar uxoricidas
plissar perturbações
nivelar canduras
auscultar enredos
que já não tenha
ela
poder.

Pode a palavra
imprimir léguas
jeremiar ameaças
ocupar marujos
pasmear jagunços
homologar pestes
tatear amantes
alancear governos
namorar altares
tampouco
a ela
o poder.

Pode a palavra
humanizar leituras
farpear desculpas
agasalhar coleções
funestar baús
afundar fantasias
viciar visagens
internar quebrantos
vingar poetas
sempre quis
ela
o poder.

Pode a palavra
apalavrar poderes:

de todos os verbos
ela
poder

de nada entre áscuas
ela
poder

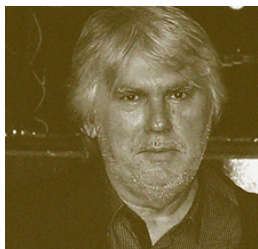
noutros patuás quer
ela
o poder

ou tudo com ela
ou nada
com o poder

não dizer palavra até
ela
poder.

Pari passu
a palavra
ela pode (não) poder.

SOBRE EL AUTOR



R. Leontino Filho (Brasil, 1961)

Poeta e Ensaísta. Publicou os livros de poemas *Cidade Íntima* (1987/ 1991/ 1999); *Semeadura* (1988) e *Sagrações ao Meio* (1993) e *A Geometria do Fragmento* (Ensaio, 2008).

Autor do ensaio de crítica literária, inédito em livro, intitulado: *Sob o Signo de Lumiar –*

Uma Leitura da Trilogia de Sérgio Campos (Natal:

UFRN/Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 1997).

Doutor em Estudos Literários pela UNESP (Campus de Araraquara/ SP) com a tese: *Lavoura arcaica – o narrador solto no meio do mundo* (2005).

ÍNDICE

Autópsia de uma metáfora extraviada, de Floriano Martins

I — O reparo das coisas

Espessuras
Anatomia do nome
Ancorado
Peleja
Náufrago
Promessa vã
Noite Branca
Tristeza
Carícias negadas
Grafite

II — A saliência dos afetos

Pedra, ainda chão (*A Foed Castro Chamma*)
Três Músculos e um nó (*À Orides Fontela*)
Rumores de mulher sob a forma de ilha (*A R. Roldan-Roldan*)
De esguelha (*A Ascendino Leite*)
Tela (*À Helena Kolody*)
Feito prece (*A Oswaldo Lamartine de Faria*)
Cortante (*À Yeda Prates Bernis*)
Interlúdios (*A Sérgio Campos*)
A toada do navegante (*A Edson Guedes de Moraes*)
Espelho (*A Anníbal Augusto Gama*)

III — O vexame dos pesos

Enigma
Lágrima
Ofício
Abismo

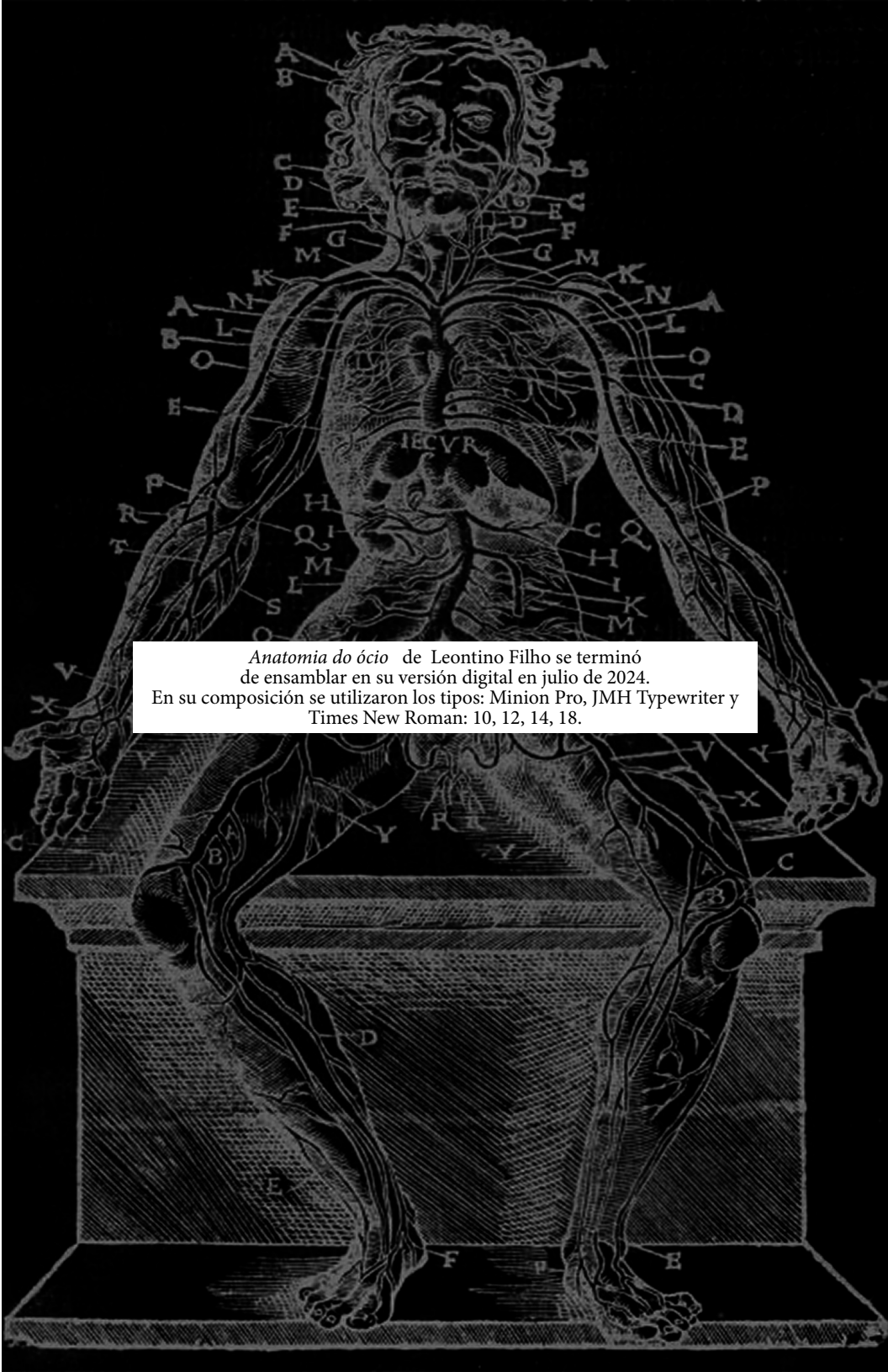
Fermento
Travo
Estio
Rasura
Brinde
Assombro

IV — A fruição dos sigilos

Murmúrio
Partida Inteira
Dentro da noite, penso em ti
Poema molhado
Rota
Ardor
Alvo
Poema da noite
Fôlego amargo
Mirante inclinado

V — A meninez das palavras

Âncora leve
Neblina
Caminho
Louça
Liga
Selo
Raio
Legado
Fio
De (não) poder ser palavra



Anatomia do ócio de Leontino Filho se terminó
de ensamblar en su versión digital en julio de 2024.
En su composición se utilizaron los tipos: Minion Pro, JMH Typewriter y
Times New Roman: 10, 12, 14, 18.



2024



**COLECCIÓN LIBROS IMPOSIBLES
2024**